

Economistas esperam taxa mais alta no curto prazo

No começo do novo governo, inflação deve continuar a determinar decisões do BC

IRANY TEREZA

RIO — O economista Carlos Geraldo Langoni, diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas e ex-presidente do Banco Central (BC), acredita que o comportamento da inflação continuará ditando o ritmo da oscilação dos juros. “Caso a inflação em janeiro fique acima de 2% ao mês, acredito que será necessário um novo choque de juros até abril. E quanto mais rápido a medida for tomada, melhor resultado terá”, afirmou, dizendo não acreditar que o presidente indicado para o BC, Henrique Meirelles, se esquivará de medidas como esta. “Acho que ele tem firmeza e coragem para isso.”

O professor do Ibmecc Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do BC, defende que o Copom determine uma alta nos juros “além do necessário, para permitir que o futuro governo comece a baixar

lentamente a Selic”. Ele disse que a medida funcionaria como uma compensação. “Seria natural compensar nos juros uma alta de preços que ocorreu neste governo, já que o próximo vai iniciar o mandato com restrições enormes”, disse o economista.

Para Thadeu, como o mercado tem projetado em 26,5% a taxa de juros para abril, uma alta além do necessário agora seria para situar a Selic em 26%.

Elson Teles, do Banco Bo- real, concorda que não deve haver uma mudança muito grande na estratégia do BC no futuro governo. “Não há como pensar em reduzir os juros sem trazer de volta a um dígito o índice de inflação.” Para Teles, um aumento dos juros agora pode vir a desobrigar o novo governo de já iniciar o mandato elevando os juros, mas tudo vai depender da inflação. Pode ser que não suba de início, mas pensar em redução nos primeiros três meses é uma coisa muito difícil. No máximo, podem determinar um viés de baixa. O essencial é pensar em alcançar uma taxa de inflação de 5% ao ano depois de 2003”, diz Teles.